

O mundo encantado das escolas que FFHH visita

FHH não tem sorte quando visita escolas. Pouco depois de sua primeira posse, em 1995, deu uma aula em Santa Maria da Vitória, a 950 quilômetros de Salvador. Quem viu a cena encantou-se. O prédio estava bonito (tinha sido reformado). A sala tinha ventilador no teto (acabara de chegar). Havia 34 alunos na aula (selecionados pela aparência.) Deixou boa impressão e um ensinamento: "É preciso motivar os professores e pagar a eles um salário decente".

Três anos depois, havia professores com os salários médios de R\$ 112 atrasados em até 18 meses. Quando uma comitiva de deputados da oposição visitou a escola, havia oito turmas sem professores. Encontraram uma criança de 14 anos que estava no colégio há dois, mas ainda não sabia ler. Semanas antes, nem filtro a escola tinha.

Nenhuma das desgraças escolares de Santa Maria da Vitória é da responsabilidade de FFHH, simplesmente porque não é o Governo Federal quem administra a rede escolar pública. Ele se meteu na encrenca por conta da paixão de seu governo pela virtualidade. Um

incorrigível desejo de ser o que não é, num mundo que deveria existir mas, infelizmente, não existe. Dom Pedro II fazia bonito visitando colégios, tomando lições, por que não repetir o gesto?

Em quatro anos de governo, FFHH percebeu quanto lhe custou o teatrinho de Santa Vitória. Sempre que a oposição quer pisar no calo do ensino básico, é só passar por lá, revisitando a marquetagem de 1995.

Não se pode pedir que FFHH conserte aquilo que não pode remediar, mas podia-se supor que não se deixaria levar ao mesmo erro de administração da virtualidade educacional.

Na semana passada deu-se uma uma recaída. FFHH foi a Vila Velha, no Espírito Santo, e lá inaugurou "simbolicamente" o ano letivo no laboratório de informática da Escola João Calmon. Tirou retrato ao lado dos computadores e de crianças que vestiam camisetas dando-lhe boas-vindas. A escola é nova e foi um bonito trabalho da prefeitura. Terá 480 alunos em tempo integral e 300 no curso noturno.

Terá, porque FFHH inaugurou o ano letivo num estado onde seu início foi

retardado. As aulas nas escolas capixabas só começam a partir desta semana. Enquanto as escolas públicas de todo o país tinham aulas, mesmo não tendo computadores, o tucanato pousou numa onde havia computadores mas, aula que é bom, nada. As crianças diante das máquinas eram alunos virtuais, não estavam aprendendo coisa alguma.

Inaugurou-se um laboratório de informática numa escola cujos professores ainda não receberam o treinamento necessário para usar os computadores. O curso para capacitá-los, com até 120 horas de aprendizado, não começou. Depois que a comitiva presidencial retornou a Brasília, a Escola João Calmon voltou à paz dos prédios novos e desabitados. À tarde, tinha apenas um segurança e, às vezes, seu diretor. Na melhor das hipóteses, os alunos vão mexer nas máquinas na segunda metade de março. Por enquanto, nem endereço eletrônico ela tem.

Há na escola dois laboratórios, cada um com 20 computadores. Ambos equipados de acordo com o ProInfo, do ProMec, sustentado pelo ProViúva. O Presidente saudou-os, informando que

"a grande linguagem de comunicação vai ser a telemática". Vai, mas a escola só tem duas linhas telefônicas. Admitindo-se que uma seja usada para os fins habituais, restará uma para a telemática (leia-se Internet). Compraram os computadores mas ainda não se deram conta de que a relação de 40 máquinas para um linha é absurda. Em geral, trabalha-se com cinco computadores por linha.

Essa decisão poderia ter algo a ver com economia. Afinal "gastamos mais do que arrecadamos". Nada mais verdadeiro. Nos laboratórios da escola João Calmon o ProViúva instalou as máquinas num ambiente com ar refrigerado. É desperdício. Faz tempo que se pode usar um micro sem a necessidade dessa despesa adicional. Há computadores sem ar refrigerado em milhares de escolas públicas do País. Em outras, quando se julga conveniente fazer essa despesa, ela é discutida com a Associação de Pais e Mestres e a comunidade comparece com algum dinheiro para custear a melhoria. A Escola João Calmon, por ser nova, não tem APM.

Os laboratórios estão equipados com

armazenadores de energia, permitindo que as redes fiquem no ar por algum tempo em caso de interrupção do fornecimento de eletricidade. São caixinhas que custam dinheiro e de cada 100 usuários de computadores, 99 as dispensam. Custa pouco perceber que se há dezenas de milhares de escritórios sem esses equipamentos, não há de ser numa escola pública que eles serão essenciais.

Em março de 1996, havia dois aviões presidenciais no Aeroporto de Los Angeles. Um era o de FFHH, que estava de passagem, para receber o título de doutor honoris causa da Universidade de Stanford. O outro era o de Bill Clinton. Tinha ido ajudar a passar os cabos que ligariam uma escola à Internet. Ambos exerciam o lado espetacular da presidência. Quando Clinton voou de volta a Washington, a escola onde suou a camisa estava ligada à rede mundial de computadores. Na semana passada, FFHH voou de volta a Brasília e a João Calmon continuou como antes, sem aulas. Quando elas começaram, suas linhas telefônicas continuarão sendo duas, com ar refrigerado.